

Encantos e bonitezas na educação



IVAN VALE DE SOUSA

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Ensino em Parauapebas, Pará. E-mail: ivan.valle.de.sousa@gmail.com. Instagram: @ivanvalye Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7244-2823>

E-mail: ivan.valle.de.sousa@gmail.com.
Instagram: @ivanvalye
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7244-2823>
DOI 10.55823/rce.v19i19.135



RESUMO

A

educação passa por uma grande revolução com as finalidades do processo de ensinar e a escola mostra-se como espaço fundamental a esse necessário acontecimento. Nessa concepção, objetivamos: (i) refletir sobre os encantos e as bonitezas na educação e na sociedade; (ii) discutir que os fascínios, encantos e belezas na escola não omitem as problemáticas vivenciadas na instituição; (iii) despertar professores e alunos para o mais sofisticado e fascinante espetáculo revolucionário da sociedade e do ser humano: a educação. Assim, que estas ponderações de natureza reflexiva orientem os propósitos educativos na vida das pessoas.

Palavras-chave: Educação; Encantos; Bonitezas.



ABSTRACT

Education is going through a great revolution with the purposes of the teaching process and the school is shown as a fundamental space for this necessary event. In this conception, we aim to: (i) to reflect on the charms and beauty of education and society; (ii) to discuss that the fascinations, charms and beauties at school do not omit the problems experienced in the institution; (iii) to awakening teachers and students to the most sophisticated and fascinating revolutionary spectacle of society and human beings: education. Thus, these reflections of reflective nature guiding the educational purposes in people's lives.

KEYWORDS: *Education; Charms; Cuteness.*

RESUMEN

La educación vive una gran revolución con los propósitos del proceso de enseñanza y la escuela se muestra como un espacio fundamental para este necesario acontecimiento. En esta concepción, pretendemos: (i) reflexionar sobre los encantos y las bellezas de la educación y la sociedad; (ii) discutir que las fascinaciones, encantos y bellezas en la escuela no omiten los problemas vividos en la institución; (iii) despertar a profesores y alumnos al espectáculo revolucionario más sofisticado y fascinante de la sociedad y del ser humano: la educación. Así, que estas reflexiones de carácter reflexivo orienten los propósitos educativos en la vida de las personas.

PALABRAS CLAVES: *Educación; Encantos; Bellezas.*


CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A TEMÁTICA

A discussão sobre os encantos e as bonitezas na educação precisam ganhar destaque, assim como são veiculadas as grandes notícias em sites, jornais, outdoors, grupos de WhatsApp, revistas, televisão e outros meios radiofônicos. Existem muitas práticas realizadas na escola, que são de pontos de partida para outras e muitas experiências que colocam professor e aluno como protagonistas das experiências com o conhecimento.

Nem sempre a educação tem tido esse olhar capaz de mostrar que a construção das sociedades passa pelo cotidiano escolar. A educação, nesse sentido, precisa promover um amplo e contínuo processo de revolução por meio do conhecimento que não depende apenas de professores que fascinam e de alunos fascinados, mas sim, de condições existentes e promocionais do mais sofisticado espetáculo da inteligência: o desenvolvimento da mente humana.

Não se pode falar de fascínio de professores sem destacar que o contexto de trabalho não esteja em voga. É preciso considerar todo um contexto para que se percebam os encantos e as bonitezas promovidos na educação, sobretudo, a tão sonhada e grande revolução do conhecimento que valorize o sujeito com suas características próprias tanto de acesso quanto de produção de conhecimentos diversificados.

Neste trabalho, algumas reflexões sobre os encantos e as bonitezas existentes na educação são destacadas, atribuindo ao espaço escolar a função de lugar de acontecimento revolucionário do saber e da formação das sociedades futuras. Assim, a partir



das finalidades reflexivas e discursivas apresentadas, os sentidos das bonitezas e encantos na educação são revelados ao longo deste estudo de viés reflexivo, esperando que o fascínio adormecido de professores desperte em práticas significantes e transformadoras na construção de um futuro planejado nas ações do tempo presente.

UNINDO AS MÃOS E ABRINDO AS JANELAS NO MUNDO DA EDUCAÇÃO

Ao abrir portas e janelas no mundo da educação precisamos fitar nosso olhar para todos os contextos que envolvem o ambiente escolar em que são denotadas situações não somente pedagógicas, mas humanas e, principalmente, cognitivas e emocionais. Essa forma de olhar a educação à luz das possibilidades considera o que o aluno traz na sua experiência com os variados contextos sociais que esteja envolvido.

À medida que o aluno traz para o espaço da escola suas vivências, revela também as diferentes concepções de mundo que tem, bem como os comportamentos e as atitudes ensinados em casa, além disso, trazem ainda sentimentos que precisam ser trabalhados no contexto da escola, readequando as funções da instituição escolar no jogo necessário da interação e no trabalho essencial da escuta.

Vivemos em uma sociedade em que todos, praticamente, falam ao mesmo tempo, quase sempre não ouvimos o que o outro tem a nos dizer, a nos revelar, a nos propor e alertar para determinadas situações. Somos seres constituídos pela linguagem e a utilizamos para fins diversos.

As compreensões de como os sentidos da leitura corporal no desvelamento de nossas atitudes podem auxiliar, significativamente, no trabalho de sala de aula promovem que novas intervenções sejam experienciadas na escola das possibilidades de acreditar que as mudanças podem ocorrer na vida e na história do alunado.

Ao olhar pela janela da escola é possível enxergar horizontes possíveis de serem guiados pelos sonhos, expectativas, receios, medos e coragem que envolvem o processo de formação. Nesse contexto, encontra-se a urgência do trabalho com a escuta para que se perceba o mundo inusitado, encantador e possível, proposto pela educação, uma vez que a “linguagem como marca de constituição do sujeito assume na escola a função de criar pontes dialógicas, estabelecer as identidades, valorizar as culturas e prover o pleno exercício da cidadania” (SOUSA, 2021a, 36).

Ao pensar o papel da linguagem na formação do sujeito pressupõe-se também refletir sobre as funções transformacionais que a escola assume na construção das identidades dos sujeitos, ensinando-lhes não somente abrir janelas que se limita pelo diâmetro da forma geométrica, é preciso ensinar também a abrir portas para o mundo das possibilidades e das oportunidades que estão além do contexto escolar sem perder a noção de que toda transformação não se faz sem a educação; a educação é, nesse sentido, a chave que abre todas as portas para um mundo humanamente digno.

Entre as funções próprias de construção e permissão das oportunidades e possibilidades existem processos que carecem de ser planejados, perguntas serem respondidas

e planos elaborados, ***assim são os sonhos na escola que não se limitam à construção de muralhas, os muros de certa maneira nos resguardam, protegem, mas em meio a essa proteção ilusória também sufocam nossa criatividade; para isso, precisamos arquitetar pontes dialógicas e construídas na exclusividade do diálogo, do respeito, da escuta e da prática autônoma cidadã.***


A abertura de janelas na escola reitera a necessidade de trazer para a descoberta dos encantos implícitos na arte de educar a necessidade de compreender que os sonhos se arquitetam à medida que seus construtores, professores e alunos, são permitidos sonhar. Sonhamos juntos, porque somos parte de um grande projeto de coletividade, ninguém constrói conhecimentos sozinho, construímos com o outro, para o outro e a partir do que o outro sabe e é capaz de promover no descompasso do plano inerte do comodismo.

O ideário da educação marca-se pelas possibilidades que nos permitem sonhar e realizar. Educação rima com ação, mas também promove um processo de encadeamento com as práticas de liberdade, democracia, respeito, igualdade, proatividade e com a ação de lançar sementes no solo fecundo da mente humana, plantando-se esperanças de uma verdadeira revolução pelo conhecimento.

As mudanças na escola requerem práticas que se tornem capazes de mudar o que precisa ser transformado, construir o que necessita ser estruturado e aceitar que nem sempre as ações atingem a velocidade incrível e inquestionável da mente. Somos seres que pensam e a escola em todas as suas incursões se constrói de sujeitos que também formam sujeitos, de cidadãos que por natureza formam cidadãos que mesmo diante das inconstâncias e precariedades, as janelas da educação são abertas a cada novo amanhecer.

Na escola, as janelas sorriem, porque nelas estão os sujeitos com seus discursos diferentes, mas que se concatenam no






mesmo objetivo: a transformação social por intermédio da educação. A educação, nesse sentido, constrói itinerários possíveis, revelam as possibilidades e refazem a caminhada de cada sujeito como práticas simples, porém, assertivas com diálogo no momento certo, com atitudes no tempo oportuno e no reconhecimento de que a diversidade de uma escola está explícita e demarcada em tudo.

Se fala muito em proficiência a ser desenvolvida na escola, mas pouco se reflete sobre o lado emocional e afetivo dos sujeitos que constroem o ambiente escolar. Precisamos considerar que o sucesso da educação

não depende apenas de boas estruturas, dependem também de como estão, emocionalmente, professores e alunos, como se veem, como se percebem e como se sentem. ***Não sejamos nós os construtores de uma sociedade anêmica, doente e infértil, pelo contrário, sejamos exímios arquitetos do saber, sujeitos de atitudes significantes, propositores de bons e possíveis sonhos que se constroem no dia a dia da mais sofisticada experiência escolar que é o trabalho com a cognição humana.***

Ao pensar na construção de uma escola em que as janelas não se fecham para as possibilidades, mas abrem-se para horizontes possíveis em que os caminhos podem ser construídos com a convicção de que a educação representa a chave que abrirá todas as portas para a transformação e a idealização do sujeito na





história de uma sociedade fecunda, propondo à escola os verdadeiros sentidos de “projeto social e autônomo de sociedade e tem a missão de formar cidadãos” (SOUSA, 2019a, p. 13).

Abrir as janelas do conhecimento na escola significa enxergar na inclusão a ponte necessária de construção de uma sociedade em que todos os discursos sejam ouvidos, as demandas atendidas e as pessoas possam ser vistas nos seus estados mais puros de cidadãos e de um bem maior. a própria utilidade na sociedade. Assim, existem muitos silêncios que são discursos que não foram escutados e não tiveram a atenção necessária; silenciar, nesse sentido, também é uma forma de comunicar e por natureza somos sujeitos que trazemos a comunicação como marca da perpetuação da espécie humana.

Se compreendermos que os sonhos, encantos e desafios da escola não nos movem para sermos sujeitos melhores, entendemos que a educação ainda não atingiu de fato o plano dos sentidos fecundos de formação. Nessa perspectiva, no movimento estabelecido pelos sentidos, a metáfora de abrir janelas na escola mostra-se como fio condutor das finalidades que as práticas e discursos trazem para o contexto social, comunicamos e somos comunicadores, apreender o discurso é necessário, mas fazê-lo também com o silêncio é preciso como marca de uma temporalidade permissível, pois “quando o homem, em sua história, percebeu o silêncio como significação, criou a linguagem para retê-lo” (ORLANDI, 2007, p. 27).


A noção de silêncio entra em disputa com as vozes que ambientam o contexto escolar. O silêncio não representa a forma inexisten-

cial da voz, o silêncio é uma forma de comunicação que traz implícitos amplos sentidos e significados, além de promover movimentos e alternâncias nas formas como as coisas são ditas na escola e sociedade. ***O silêncio marca o lugar de destaque do outro pelo fato de existir, perceber e ser perceptível, pois nas tramas do silêncio muitas experiências são mostradas, muitas interrogações encontram respostas assertivas; silenciar, nessa perspectiva, em nada significa sobre se acomodar ou acovardar-se, significar o silêncio implica formas outras e possíveis de avaliar a nossa existência como sujeitos pensantes e proativos.***

Nem sempre quem muito fala, diz tudo. Às vezes, o tudo é um nada, uma simples ação transformadora e significativa para a vida do outro, é nesse ínterim que as janelas da escola são abertas em direção ao novo, voltando-se para o futuro que está no dia a dia da educação como “função de políticas e ações de valorização” capaz de constituir-se “verdadeiramente e essencial à experiência humana” (SOUSA, 2019b, p. 19).

Ao tornar as experiências humanas em contínuas práticas no desenvolvimento das capacidades psicolinguísticas no contexto da escola mostram-se urgentes na construção de um projeto social em que todos os que estão à margem façam parte do centro, revelando que na janela da escola existem outras centenas de janelas que precisam ser abertas e direcionadas para um contexto iluminado pelo conhecimento, pela função transformativa e possível de formação.

As experiências escolares estabilizam as bases sólidas de formação dos sujeitos, de orientações aos direitos civis e ao cumpri-



mento deles. Há nesse contexto diversificado e inclusivo diferentes saberes em que no jogo interativo proposto pela linguagem não se destacam alguns como aceitáveis e outros desnecessários, cumprem-se as funções de **que educar não significa a transmissão de saberes por si mesmo, mas da mediação que torna significativa e necessária a inserção dos sujeitos na esfera dialógica de uma almejada revolução social preconizada pela educação.**

Não existem motivos para desconsiderar que apesar da função social e digna da educação, a escola não viva seus inúmeros dilemas, que podem servir como acirramento da abertura de janelas para o mundo inusitado de trabalho com a leitura, a reflexão e a escrita. Assim, as aulas tornam-se acontecimentos significativos, porque oferecem as pistas, orientam e problematizam a aliteração das vozes que encontram sentidos no ambiente da escola.

Quando se abrem as janelas da escola das possibilidades, todas as aulas se tornam acontecimentos eficazes e significativos por permitir que os alunos tenham experiências novas, façam releituras do próprio processo de aprendizagem, além de desenvolverem as habilidades tão sonhadas para quaisquer instituições de ensino: ler, escrever, descrever, interpretar, problematizar e solucionar questões-problema.

As aulas na escola das possibilidades tornam-se acontecimentos à medida que os sujeitos se envolvem no elo entre o conhecimento e seu significado. Ao trazer à baila as diferentes concepções de linguagem no processo de letramento dos alunos, destacam-se **as bonitezas e os encantos no**

profícuo trabalho de formação dos sujeitos envolvidos em novas práticas e culturas na promoção de um arquitetado e contínuo movimento de intelectualidade.

Nesse sentido, todo movimento intelectual revela ao contexto das aprendizagens diferentes contextos, diversas formas de acessar o conhecimento e de recepcionar as múltiplas aprendizagens, requerendo que novas práticas na escola contemporânea sejam pensadas e dialogadas com as “políticas e as ideologias discutidas nos espaços de aprendizagem, sendo capazes de transformar as experiências de vida dos alunos na função de cidadãos autônomos” (SOUSA, 2019c, p. 12).

Toda forma de ensinar na escola contemporânea, democraticamente, pressupõe despertar a consciência dos alunos na construção de um ambiente respeitoso, saudável e cativante, implicando que os desafios do contexto escolar são cotidianos e contínuos, já que os professores trabalham com diferentes emoções e sentimentos rotineiramente em sala de aula.

As aberturas das janelas na escola contemporânea não têm nos dilemas impedimentos das práticas, nem a violência nem a insegurança, sendo que as condições de trabalho para professores e de estudo para alunos não ocorram de um modo qualquer. **O ideal seria se a educação recebesse os mesmos investimentos e olhares que outros setores da sociedade recebem, pois assim como o hospital trabalha no diagnóstico e no tratamento das enfermidades, a escola forma para uma sociedade saudável, produtiva, revolucionária, diversa, inclusiva, democrática e compactuada com a civilidade.**

À luz da civilidade, a educação não tem suas janelas abertas ou adornadas em um processo de individualidade, o ato de educar configura-se como um projeto coletivo, um propósito social, uma vez que não há sociedade de um cidadão único. Assim, todas as vozes que formaram, formam e formarão a escola bradam de maneira uníssona que a educação não representa produto de um capital, mas sim, necessidade, direito e garantia de existir para a existência e subsistência dos sujeitos.

Por diversas vezes, as janelas que se abrem para horizontes possíveis têm servido de um contínuo paradoxo, justamente, por perceber que os direitos à educação gratuita, democrática, pública e de qualidade ficam à deriva de uma tempestade que parece não findar. O direito à educação não constitui privilégio de grupos eleitos, o sentido da educação marca-se pelo funcionamento de qualidade da escola que queremos, construímos e habitamos nela, tornando-se o mais




sofisticado exercício da cidadania, o direito à educação.

Quando olhamos para onde apontam as janelas da educação, não aceitamos o sucateamento da área educacional nem podemos enxergar apenas uma educação baseada no marketing, mas sim, na sua função epistêmica e humanista. A questão educacional precisa ser um projeto de sociedade que deu certo e também como “questão de ética e política: uma questão de responsabilidade” (PÊCHEUX, 2015, p. 57).

A educação é uma questão de responsabilidade, mas quase sempre essa função tem recaído apenas sobre a figura do professor, como se ele sozinho fosse capaz de mudar a história de uma nação. É verdade que o professor pode muito, porém, é verdade também que ele tem limitações. Enfatizo, nesse sentido, que é necessário desassociar a qualidade da educação com o professor em salas insalubres, ambientes que parecem quase com tudo, menos com uma escola, menos com uma sala de aula e menos com um am-





biente formativo. ***O professor também é sujeito desse processo de transformação dos trajetos e histórias de vida dos alunos, contudo, sozinho não pode fazer o que está além das condições de suas práticas. Ele fala de cidadania, porque acredita na formação do cidadão e fala de sonhos por ainda acreditar nas possibilidades de realização.***

Somente quem está na sala de aula tem propriedade para falar sobre o que pode dar certo ou não no processo educativo. Os acontecimentos de sala de aula realinham as propostas assertivas e as que não podem ser concretizadas e quando não entendermos que a educação se faz com dignidade, valorização, condição, acesso, garantia e permanência, as janelas que apontam para o horizonte das possibilidades irão permanecer desbotadas, não permitindo que a diversidade seja considerada em uma escola sonhada, possível, planejada e democrática, fugindo dos discursos que colocam na escola a perpetuação de uma política utópica.

Nessa perspectiva, a escola não poderia ser aquilo que sonhamos; a escola precisa ser a realização desse sonho que nos faz acreditar que a construção do futuro não representa algo para a posteridade, o futuro acontece todos os dias, no hoje, no aqui e no agora. Assim, a escola não pode ser apenas imaginada, ela precisa acontecer, necessita fazer-se e carece ser.

ENXERGAR OS ENCANTOS E AS BONITEZAS NA EDUCAÇÃO


A ampliação do olhar sobre os encantos e as bonitezas no contexto educativo não omitem as mazelas que a escola passa cotidianamente. Ao se propor na arte de enxergar que a educação possui seus encantos e

bonitezas, olham-se também as múltiplas funções que a instituição escolar tem assumido na transformação de vida dos sujeitos.

É verdade que por inúmeras situações não pontuadas neste texto, às vezes, chegamos a pensar que a educação não pode mais ser refeita e reestruturada, embora, saibamos que sempre existe um sonho a ser concretizado. Para cada contexto em que os modelos educacionais estão inseridos existem encantos que passam despercebidos e as bonitezas não são vistas como deveriam ser no contexto revolucionário da educação.

À luz desses contextos, boas escolas constroem-se com bons professores que amam o que fazem e fazem, porque encontram no processo de transformação social dos diferentes sujeitos a necessidade de prepará-los para alcançar o sucesso, mas nem sempre o mundo além-escola tem essa pretensão. Vivemos em uma sociedade competitiva e ensinar os alunos a enfrentar os empecilhos torna-se mais que necessário, compreendendo que “bons alunos são repetidores de informação, alunos fascinantes são pensadores” (CURY, 2007a, p. 87).

O fascínio da educação nem sempre pode ser visto no imediatismo das ações pedagógicas, às vezes, é necessário dar tempo ao solo fecundo da mente, lançar as sementes e esperar que germinem no campo fecundo da cognição humana. Além disso, essas sementes quando lançadas no solo da cognição e fertilizado pelas boas, autênticas e significativas práticas de ensino não demoram muito para germinarem, crescerem, tornarem-se árvores robustas, pendoarem e darem bons frutos.



Nesse sentido, o entendimento de como podem ser lançadas as sementes no campo da vida, considerando que o ato de depositar no solo da mente diversas sementes, novas experiências são construídas na mentalidade dos sujeitos, sem desconsiderar que, muitas vezes, os alunos chegam à escola desmotivados e precisam encontrar sentidos de estarem naquele ambiente, bem como descobrir os significados que têm a educação em suas vidas.

A prática de lançar sementes férteis ao solo da mente fecunda constitui-se de uma ação árdua, desafiadora, intrigante, porém, possível, instigante e necessária. ***Infelizmente, a valorização social dos professores não ganha destaque nos noticiários nem estampam as manchetes dos grandes jornais e revistas como outras e inúmeras notícias ocupam, mas isso não os impossibilitam de realizar uma verdadeira revolução social, que com maestria lapidam diamantes e os colocam em destaque para reluzirem em uma sociedade em transformação.***


Um dos encantos da educação está na realização de trabalho com diferentes diamantes, alguns com um processo de lapidação mais fácil, outros prontos para iniciarem o processo e a boniteza nas etapas de transformação social e educacional. Os diferentes saberes na escola, nesse sentido, são como pipas coloridas que povoam o ambiente escolar tanto na ótica cognitiva quanto nas ações de cada sujeito e, nessa concepção, os alunos são, metaforicamente, pipas que voam nas diferentes alturas de um céu de conhecimentos apresentado pelos fascinantes, incansáveis e promissores professores.

Falar de encantos e bonitezas na educação significa também colocar em voga o processo de autoestima dos sujeitos que compõem o ambiente escolar, precisamos, nessa perspectiva, enxergar a escola como uma grande tela que recebe uma cor diferente todos os dias e os professores têm a função bradar a existência de uma beleza latente na experiência escolar e precisamos ensinar todos a observarem quão belas são as transformações sociais que a instituição escolar promove no protagonismo dos alunos.

Entre encantos e bonitezas, a escola, por natureza, é revolucionária e toda revolução se faz com democracia, permitindo que os alunos descubram as próprias potencialidades adormecidas e as utilizem para o bem comum. Sabemos que em meio aos encantos e belezas da educação encontramos espinhos que fazem parte do processo, esses percalços não devem desvirtuar os sentidos das rotas a serem seguidas, mas sim, realinharem as tomadas de decisões e as atitudes assertivas na produção do conhecimento.

No dia em que a educação deixar de cumprir sua função social não terá mais razão de existir. Entre encantos, belezas, espinhos e sementes, a escola vai cumprindo sua missão revolucionária, colocando no centro da civilidade todos os que estão à margem e reiterando que a “inclusão nos ensina: sermos mais humanos, mais compreensíveis, mais parceiros e, sobretudo, compreendermos a necessidade do outro” (SOUSA, 2019d, p. 71).

Todo processo educacional revolucionário tem como marca a inclusão, sem ela não



há revolução, sem revolução não ocorre mudanças e sem mudanças não se produzem inovações. Assim, novas práticas requerem novos planejamentos e novos objetivos de refazer o caminho a ser trilhado tanto por professores quanto por alunos.

No caminho da educação, as bonitezas nem sempre são vistas de maneira colossal, constroem-se de pequenas belezas que pressupõem a elaboração de estratégias e adaptações aos contextos e às intempéries que todo contexto revolucionário propõe. E nesse processo, os professores representam os grandes pensadores da humanidade capazes de revelar o que é invisível aos olhos, atribuindo texturas, cheiros e formatos ao mais sofisticado propósito social na construção do conhecimento.

No plano encantador da prática pedagógica, os professores não realizam suas práticas apenas com as intenções de ensinar, fascinam com as transparências assertivas de que o conhecimento representa a chave que abre todos os contextos, preparando os alunos para uma história que apenas está começando e que ainda existem uma infinidade de capítulos a serem escritos.

Toda história tem um começo e não há histórias produtivas que omitem seu início; é preciso dar o primeiro passo para que o caminho seja percorrido. Ao percorrer o caminho dos encantos e das bonitezas na escola, os alunos são colocados diante de um grande espelho em que podem ver refletidas as cenas geradas no futuro e planejadas pela educação como transformação e revolução social.

Nessa revolução social, a grandeza do professor não se mede pelo quanto é capaz de saber, mas sim, do quanto pode ser capaz de promover com o conhecimento, de quanto pode ser astuto a manter viva a finalidade de aprender a aprender, reinventando-se. Essa seria uma das principais belezas da educação, a capacidade de aprender constantemente, perceber que um mesmo caminho não pode ser conhecido de uma única forma nem percorrido diversas vezes igualmente, os passos não são iguais e haverá sempre algo a ser visto, percebido e apreciado com as diferentes maneiras de como enxergamos as mudanças dire-



cionadas na busca dos sentidos para cada pretensão esperada.


As soluções estão na escola, o futuro está na educação e carece de espaço para se apresentar. Os professores, arquitetos do saber, têm como terreno fértil a mente humana na proposição de um jogo interativo e cognitivo, considerando que os “professores são tão ou mais importantes que os psiquiatras, os juízes e os generais. Os professores lavram os solos da inteligência dos jovens para que eles aprendam a ser pensadores” (CURY, 2007a, p. 137).

Ao coração de cada professor desse imenso Brasil é preciso falar de esperanças.

Falar de uma forma de esperanças que se transformam na ação, ocupam o lugar de verbo na certeza de esperar como significado da arte da espera que não se esvaece, mas concretiza-se no fazer pedagógico. ***Esperançar significa tentar novamente, mesmo quando todas as formas não deram certo, ainda assim, é preciso acreditar na prática das ações de construir, realinhar, esperançar, transformar e revolucionar com as ferramentas sofisticadas do grande espetáculo do mundo inusitado do saber.***

A prática de esperar está na beleza de não desistir daquele aluno que não tem motivos de esperar que alguma mudança seja





proposta na própria vida por meio da educação. O encanto da educação encontra na ação de esperar a aproximação daquele aluno que se mostra antagônico ao processo de aprender, que se envolve em um processo de tanto faz. A boniteza da educação está na prática de esperar que aquele aluno entenda as próprias frustrações e tire delas as lições capazes de marcar a própria existência à luz dos sentidos revolucionários da educação.

Os significados da educação tornam-se encantos e belos à medida que todos os saberes são considerados como marcas educativas construídas no hoje, já que o futuro se reinventa a cada nova experiência proposta pela educação, o futuro constrói-se no hoje, no agora e não podemos fugir dessa pretensão de revelar com urgência os saberes requeridos pelo futuro, porque o futuro é exigente.

Vista em uma proposta universal, a educação somente tem sentido quando se torna capaz de promover um processo de reflexão e autoavaliação das proposições que têm sido possíveis no contexto da escola, já que a condição que visibiliza a funcionalidade educativa é a humana. E o caráter belo da educação coloca em evidência a contribuição inquestionável das humanidades, da filosofia e da história, da literatura e da poesia, das artes e das ciências.


As bonitezas e encantos da educação não destacam a necessidade constitutiva de um mundo bélico, há outras mazelas que precisam ser combatidas. A inacessibilidade da dignidade humana é uma delas, aprender com qualidade é outra, realizar-se pessoal e profissionalmente também.

É, pois, preciso trocar o bélico pelo belo ato de aprender, a guerra pelo ofício da espera de transformar e o desânimo pelo ânimo de energizar.

Ao considerar o plano encantador da educação na formação do sujeito para uma sociedade saudável é necessário também formar cidadãos saudáveis e capazes de servirem de alento e orientação para os outros. Se é verdade que na escola é que se formam os cidadãos, também é verídico que é na escola que se demonstram os encantos e as bonitezas guardadas no futuro que se constrói todos os dias.

Incoerentes são os discursos que se fundamentam na capacidade de pensar a educação daqui a uma década ou meio século. É preciso pensar no agora para projetar o amanhã, uma vez que o amanhã está implícito no hoje, no agora. Assim, as necessidades da educação precisam ser resolvidas hoje e não na utópica postergação de que tudo vai melhorar, se nos omitirmos a plantar as sementes agora não teremos frutos e árvores amanhã, é preciso dizer de maneira uníssona: deixem de usurpar o direito do cidadão à educação de qualidade e transformacional garantido pela constituição.

O trabalho essencial de enxergar as bonitezas e os encantos da educação em meio às muitas mazelas que assolam a escola na usurpação dos recursos e direitos universais é contínuo e também diário. Nem sempre despertar o olhar para enxergar as belezas implícitas na educação representa um trabalho fácil, porém a descoberta da ferramenta poderosa do “conhecimento pertinente deve enfrentar a complexidade” (MORIN, 2011, p. 36).



A complexidade representa o contexto em que as propostas educacionais são promovidas e o conhecimento marca-se na identidade de professores que encantam pelo que fazem, que despertam os mais puros sentimentos na aquisição dos conhecimentos a serem construídos pelos sujeitos. E com a finalidade de esclarecer que o enfrentamento às adversidades e complexidades no ensino não é apenas função do professor, é preciso realizar um trabalho colaborativo entre todos os sujeitos que formam o ambiente escolar, contando com o apoio de outros órgãos necessários à garantia do direito de aprender.

Os problemas sempre estarão no caminho não para o convencimento de que o sentido de parar representa o melhor percurso, eles estão, justamente, para realinhar os itinerários, propor que novas reflexões se façam e novas rotas sejam encontradas, visto que precisamos construir no agora os saberes que construirão o protagonismo das gerações futuras e isso coloca em destaque o papel da educação em uma proposição de futuro.

Inovar no contexto da educação sempre se faz necessário, porém não podemos esquecer as práticas que realmente funcionam, bem como do inestimável trabalho com a leitura e a escrita que por si já representa uma contínua inovação humana. Quando lemos, descobrimos mundos, quando escrevemos, habitamos neles. Habitar os mundos possíveis revelados pela educação simboliza os princípios de novos séculos para a escolarização dos sujeitos para a formação de cidadãos conhecedores de seus direitos e cumpridores de seus deveres, já que “a edu-

cação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana” (MORIN, 2011, p. 43).

No sentido da educação do futuro revelador dos encantos e das bonitezas no dia a dia da experiência escolar não podemos deixar com que os empecilhos construam suas muralhas que impeçam de enxergar o horizonte das possibilidades, sobretudo de se reinventar, conforme as experiências exigidas. Ensinar, nesse sentido, não se marca pela transmissão conteudística, mas no enraizamento da condição humana capaz de “demonstrar que o sujeito ocupa lugar de autor do próprio discurso” (SOUSA, 2019e, p. 112).

O lugar de destaque do sujeito na escola representa também o espaço de formação e orientação dos direitos à cidadania, à qualidade de vida e na realização de que as identidades não sejam desvirtuadas. Assim, a melhor forma para não encontrar com todas as incertezas significa trazer para a experiência do sujeito os sentidos revolucionários da educação, promovendo no “reconhecimento ao direito do outro, na atribuição aos atendimentos e na autonomia dos sujeitos como característica de acessibilidade” (SOUSA, 2019f, p. 19).

Os encantos da educação do futuro construídos no presente marcam-se na acessibilidade que os contextos da escola e da sociedade passam a ser pensados na condição humana de todos os sujeitos que formam a grande ciranda da igualdade no propósito da oportunidade, seguindo com as mãos apoiadas umas às outras e fortalecendo as ações inscritas em um projeto social de igualdade. E nesse sentido de igualdade, os direitos são colocados como marcas pró-

prias da condição humana, não como um propósito de aventura incerta, mas como certeza de que a sociedade precisa cada vez mais olhar a todos e oferecer as condicionantes de realização social e cognitiva para os humanos em uma condição planetária.

Nessa perspectiva, a educação trabalha com sonhos possíveis, com práticas que funcionam, com discursos que se ampliam e com a urgência de condições dignas de trabalho e de estudo para professores e alunos. Não podemos aceitar que o desmonte da educação seja visto como condição normal, precisamos despertar nos sujeitos o sentimento revolucionário de cidadãos que lutam por seus direitos, que reconheçam e cumpram com deveres cívicos.

Ao propor uma política de revolução na escola não se destaca a formação de um grupo de agressores, mas sim, de sujeitos democraticamente sabedores e ativos de seus direitos, capazes de reconhecerem que as condições transformacionais na formação humana estão nos sentidos das práticas educativas promovidas na escola. ***Uma sociedade que não valoriza suas escolas e seus professores, infelizmente, será uma sociedade caminhando para o abismo da degradação do ser humano, para o abismo da ignorância e para as incertezas de um futuro promissor.***

O reconhecimento dos encantos e das bonitezas trazido pela educação alimenta a nossa intenção de lutar, constantemente, por um mundo melhor para todos e considerar

que o belo está latente na prática pedagógica postulando a realização de trabalho com a ética e com o autoexame crítico do que pode ser melhorado no fazer metodológico diverso e inclusivo, já que a “inclusão, nesse sentido, deveria ser um verbo que todos nós devemos aprender a conjugar e a utilizar suas diferentes flexões nos mais variados contextos e sentidos” (SOUSA, 2021b, p. 43).

Não dá para enxergar os encantos nem as bonitezas na educação sem que as suas propostas não se voltem para o trabalho com a inclusão e com a diversidade, sem esse ideário nem todos os discursos encontram espaço para serem produzidos e os silêncios das vozes



podem promover na escola uma falsa política de que as coisas estão como deveriam ser. Não podemos aceitar que o desmonte da educação seja visto como algo normal, a escola forma para compor uma sociedade em que os bens culturais e serviços sejam comuns e, por isso, precisamos que a sociedade seja parceira da escola nessa empreitada.

Escola e sociedade interligam-se pelos sentidos que atribuem à formação e ao

convívio dos cidadãos, impossível é pensar uma sociedade sem escola, sem educação e sem direção.

A ausência de esco-


las em uma sociedade é como uma semente que não encontrou fecundidade na terra, apenas morre, apodrece, esvaece e torna-se adubo. Não há revolução que não passe pela escola com fins à evolução das condições humanas, do trabalho e da convivência, sem essa revolução a sociedade não existe, não se firma nem produz frutos, tampouco se encanta com as belezas que a educação caracteriza à identidade humana.

Sem escolas, sem educação e sem a valorização do ser humano não existe revolução. A vida não é injustiça, as condições sim, são. Revolucionar significa encontrar os sentidos de existir em uma contínua busca de melhorar a nossa condição humana e permitir que o outro também tenha as mesmas condições de treinar e desenvolver as próprias emoções, cultivando-as no solo fértil da vida. Assim, para muitos a emoção se torna essencial no processo de ensino e aprendizagem, sendo necessário rejuvenescer a emoção para que os sentidos encontrem seus lugares de existência.

Ao trabalhar com as emoções e discutí-las não apenas percorremos as profundezas emocionais, mas resgatamos no direito e no prazer de aprender as formas propícias para educar as nossas emoções, servindo-se de portas para a receptividade do conhecimento. É preciso compreender, ainda, que não há nada de tão mais belo e, ao mesmo tempo, complexo como a valorização das emoções no processo educativo.

A educação revela diferentes contextos de encantos, desencantos, bonitezas e desafios, requerendo dos sujeitos uma assertiva decisão frente aos





problemas que se colocam no trajeto educacional. Nesse contexto de aprendizagens são revelados o colorido e o desbotamento das relações sociais, precisamos gerenciar as nossas ações em propostas capazes de auxiliar na transformação social do sujeito e à medida que fazemos isso, estamos promovendo uma verdadeira revolução.


Os motivos de encontrar na revolução promovida pela educação os encantos e as bonitezas estão centrados na arte de gerenciar como as emoções são significativas para os múltiplos processos de aprendizagem, levando-nos a redescobrir novas alternativas nas lições que a própria vida se encarrega de nos mostrar. Nessas inúmeras lições, compreendemos, ainda, que o maior de todos os espetáculos que não exige plateia para se fazer; esses espetáculos são a própria vida e a escola que representa o espaço socioeducacional de trabalho com muitas vidas repletas de histórias que colocam em destaque a essencialidade da educação.

Encontrar os encantos e as bonitezas na educação significa considerar que as certas antes foram dúvidas, logo, toda dúvida tem a finalidade de nos levar a buscar novos modos de enxergar o invisível como marca da existência humana e da emoção simbolizada nos modos de reavaliar nossas dúvidas. A importância de aprender matemática e linguagem está no mesmo grau de importância de conhecimento das nossas próprias emoções, precisamos optar sempre pela vida, tomando as decisões que necessitam ser reveladas, porque os “piores transtornos de nossas vidas não vêm de fora para dentro, mas de dentro para fora” (CURY, 2007b, p. 29).

A nossa tão sonhada e bem-vinda liberdade jamais poderá ser impedida por pequenas questões que podemos resolvê-las, retirar de nossa bagagem humana tudo o que não nos serve, não nos impulsiona e não nos direciona na busca da verdadeira revolução social e humana que a educação é capaz de promover são questões urgentes. Somos, nesse sentido, agentes de nossas escolhas e de quais políticas democráticas escolhemos para serem partes de nossas indagações, uma vez que o grande papel da educação não está na apresentação de respostas prontas, mas sim, na fundamentação de como nossas decisões e respostas podem encontrar planos de sentidos.

A prática de enxergar a existência de muitos encantos e bonitezas na educação pressupõe nos desfazermos das nossas fobias que apenas têm a finalidade de nos silenciar, isolar do convívio social, impedir que a nossa identidade seja vista como uma marca individual que se concretiza na coletividade das relações sociais. E sem muito esforço, a beleza de estar em um contínuo processo de revolução coloca como necessários os sentidos da solidariedade, do diálogo e da contemplação de tudo que é belo no fazer pedagógico.

Contemplar o belo na educação significa saber arquivar tudo que pode nos servir como ferramentas para sabermos dialogar com os padrões existentes sem transmutar a nossa identidade. À medida que cuidamos e selecionamos tudo que arquivamos, estamos voltando a nossa atenção para os meandros das emoções e estas servirão de portas para a construção de novos conhecimentos que ainda não formulamos, pensar nos encantos



da educação à luz das bonitezas existentes significa termos uma atenção espacial também para a nossa saúde emocional.

Nem sempre a contemplação da beleza na educação está na função de acertar sempre, mas de vez em quando fazer uma pausa e nos colocar como aprendiz que se permite ouvir do outro o que ainda não é conhecível, sendo que o mais belo à luz da educação se encontra na ação de “recomeçar tudo de novo tantas vezes quantas forem necessárias” (CURY, 2007b, p. 173).


A beleza das tentativas não significa que as anteriores foram fracassadas, apenas não atingiram a totalidade das intenções que se haviam sido planejadas, alguma semente pode ter ficado no terreno que ainda não se mostrou fecundo. O reconhecimento do que pode ser belo e bonito na educação está na relação que temos com contextos, com a história dos sujeitos e com as condições oferecidas. ***Precisamos, muitas vezes, termos o olhar de águia que enxerga longe e voa alto para atingir os sentidos que queremos na nobre arte de formar cidadãos em uma verdadeira e necessária revolução socioeducacional.***

Ergamos os nossos olhos para enxergar além do que é revelado pelo contexto, fitamos nosso olhar naquele aluno que precisa muito mais que conhecer a matemática e as ciências da linguagem, sejamos construtores de sonhos possíveis para que a escola e a educação jamais percam as funções de encantar e transformar, além de revelar que “o processo de construção da inteligência é um espetáculo tão sofisticado que promove atos inesperados e cenas imprevisíveis ao longo da vida” (CURY, 2006, p. 120).

O trabalho com a inteligência representa uma das mais lindas formas de inserir os sujeitos na cena principal do espetáculo da vida. Cada cena produzida no processo de construção do conhecimento se mostra importante de modo que a elaboração das marcas autênticas de realização também se mostre como propósitos sofisticados e capazes de desvendar os segredos da cognição.

A escola, nesse sentido, simboliza o palco principal para que os espetáculos fascinantes das aprendizagens sejam promovidos, demonstrando que todos devem ter as mesmas possibilidades de produzir saberes e serem autores do próprio conhecimento, isso implica na apreciação da beleza, encantos e possibilidades da escola. Não precisamos simplesmente de uma educação que presa a todo custo a tão sonhada conquista do espaço, deixando-se de lado o que é necessário e urgente no contexto da educação, mais importante que conquistar o espaço é possibilitar que no campo da inteligência os alunos conquistem seus espaços sociais, evoluem, revolucionem e sejam revolucionários.

Não podemos parar o tempo, mas podemos com maestria construir pontes que nos possibilite viver bons tempos e esse propósito se mostra no contexto da educação, estimulando diferentes formas de sabedoria a serem conhecidas na escola. ***Precisamos continuamente tornar as nossas aulas apaixonantes e capazes de fascinar os alunos por meio do conhecimento, na indicação do caminho que nos levam a tomar posse das chaves que abrirão todos os portões extraordinários e desconhecidos do mundo do conhecimento.***




Precisamos enxergar as bonitezas existentes na educação por meio de suas estações: no verão, somos convidados a trazer energias para os desânimos dos alunos, no inverno, aquecer as discussões na produção do conhecimento, no outono, alimentarmos-nos de boas energias e sintamos a brisa transformadora capaz de direcionar nossos projetos e olhares para a mais bela das estações da inteligência humana, o florescer da primavera. ***Os encantos da primavera da inteligência condicional do ser humano os direcionarão para a colheita contínua de todos os frutos das sementes lançadas há tempos no solo fecundo da cognição humana, não podemos, nesse sentido, postergar nenhuma estação que impeça a aquisição, a produção e o uso dos múltiplos conhecimentos arquitetados na experiência escolar.***

Para falar de esperanças na educação é necessário acreditarmos que todo o sofisticado trabalho de formação humana passa pela escola e pelas experiências de professores bem resolvidos emocionalmente, que fascinam pelas formas como ensinam e também se fascinam pelas aquisições e protagonismos dos alunos, professores preparados para lidar com as adversidades e valorizados pelo nobre ofício de educar, pois não podemos falar de belezas e encantos na escola, fechando os olhos para as adversidades que também estão na instituição e além dela.

As adversidades não podem ser fatores impeditivos de abirmos janelas, portas e portões nem passarem despercebidos os encantos revelados nas formas de ensinar. ***Precisamos, com urgência, fascinar o aluno com a nossa experiência e com o compromisso que assumimos na construção de uma sociedade igualitária, promovendo uma verdadeira revolução no extraordinário mundo fascinante da inteligência, sofisticando cada aluno com uma maneira própria de acessar o conhecimento.***

Todas as estações da inteligência cognitiva são importantes, por isso, precisamos nos esperar todos os dias e todas as vezes que se fizerem necessárias. Assim, as bonitezas e os encantos da educação não são questões utópicas, mas sim, possíveis e es-





tão todos os dias querendo ser redescobertos nos interiores das diversas escolas, nas mudanças atitudinais e pedagógicas capazes de promover práticas revolucionárias e ativas no trabalho de formar cidadãos, basta lembrar do juramento que fizemos durante nossa formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As proposições deste texto colocaram em destaque a função da educação e da escola em uma perspectiva reflexiva e um tanto poética, demonstrando os encantos e as bonitezas que ocorrem no contexto educacional, bem como destacando os papéis de professores e alunos no mais belo processo de revolução da humanidade: a educação.

Ao trazer à baila um ampliado olhar para as conquistas da escola no protagonismo dos sujeitos, pretendeu-se tornar significantes todas as discussões e modos de saber realizados no contexto da escola contemporânea, não omitindo que os problemas no contexto da atualidade educacional não existam. Apesar dos problemas estarem no cotidiano das práticas de ensino, ainda, faz-se necessário sonhar com o fascínio revolucionário da educação na vida dos alunos.

Além disso, a civilidade também teve espaço de discussão ao longo do texto, revelando que todos somos cidadãos de direitos e deveres em uma sociedade construída na diversidade, na inclusão, no respeito e na oportunidade da dignidade humana. Não obstante, o trabalho metodológico que ocorre na sala de aula já traz essas marcas de civilidade para que todos tenham as mesmas condições não somente de acesso às práticas humanizadas, sobretudo, na garantia e

permanência de aprender ao modo particular de cada um.

Tendo em vista que todas as discussões propostas apontam para as possibilidades que podem ser possíveis na escola, um amplo convite é realizado para abriremos as janelas, portas e portões para que consigamos enxergar a existência de algo de muito mais belo na arte de ensinar e no fascínio de aprender como um sofisticado processo envolvendo pessoas que reconhecem seus direitos e cumprem com os deveres que lhes são direcionados.

Assim, os encantos e as bonitezas da educação e da escola somente serão possíveis à medida que conseguirmos olhar além do contexto que estamos inseridos, considerando que não há beleza e encanto que a grande revolução humana e social proposta pela educação não realize, uma educação que fuja da utopia e encontre a possibilidade no fazer, no aprender e no transformar para o convívio, conhecimento e as múltiplas identidades.

AGRADECIMENTO E HOMENAGENS

Agradecimentos ao Grande Autor e Regente do universo pela transformação de nossa cognição humana, continuamente. Por fim, este texto simboliza uma grande homenagem direcionada a cada educador desse imenso e lindo Brasil, principalmente, aos professores que estão desacreditados, cansados e que não têm mais a ousadia de sonhar. A vocês, nobres professores, desejo que tenham olhar de águia, que mesmo cansada e sem forças ainda assim é capaz de enxergar longe, não deixando de se reinventar continuamente.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Piedad. Vásquez. **Teoría crítica de la educación: lineamentos para una propuesta educativa**. León: Universidad de León; Secretariado de Publicaciones, 2006.

CURY, Augusto. **O Mestre dos mestres**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

CURY, Augusto. **Filhos brilhantes, alunos fascinantes**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007a.

CURY, Augusto. **Treinando a emoção para ser feliz: nunca a autoestima foi tão cultivada no solo da vida**. 2ª ed. São Paulo: Editora Academia de Inteligência, 2007b.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2ª ed. rev. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 7ª ed. Campinas – SP: Pontes Editores, 2015.

SOUSA, Ivan Vale de. As facetas da avaliação na deficiência intelectual. In: SOUSA, Ivan Vale de. **Educação Inclusiva no Brasil: deficiência intelectual e empregabilidade**. 1ª ed. Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2019a.

SOUSA, Ivan Vale de. Incluir: um verbo da essência humana. In: SOUSA, Ivan Vale de. **Educação Inclusiva no Brasil: deficiência visual e tecnologias**. 1ª ed. Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2019b.

SOUSA, Ivan Vale de. Questões educacionais do aluno com surdez. In: SOUSA, Ivan Vale de. **Educação Inclusiva no Brasil: surdez e ensino bilíngue**. Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2019c.

SOUSA, Ivan Vale de. Autismo no contexto escolar: questões e discussões. In: SOUSA, Ivan Vale de. **Educação Inclusiva no Brasil: altas habilidades e autismo**. 1ª ed. Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2019d.

SOUSA, Ivan Vale de. **Ler e produzir textos: metodologias e orientações no ensino**. 1ª ed. Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2019e.

SOUSA, Ivan Vale de. Educação especial no Brasil: percursos e avanços. In: SOUSA, Ivan Vale de. **Educação Inclusiva no Brasil: história, gestão e políticas**. 1ª ed. Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2019f.

SOUSA, Ivan Vale de. **Alunos no espelho: coesão e coerência textuais**. 1ª ed. Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2021a.

SOUSA, Ivan Vale de. As políticas de inclusão no Brasil. In: SOUSA, Ivan Vale de. **Educação Inclusiva no Brasil: legislação e contextos**. 1ª ed. Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2021b.